



Candidates must complete this page and then give this cover and their final version of the extended essay to their supervisor.

Candidate session number			
Candidate name			
School number			
School name			
Examination session (May or November)	MAY	Year	2013

Diploma Programme subject in which this extended essay is registered: Portuguese language and Literature HL  
 (For an extended essay in the area of languages, state the language and whether it is group 1 or group 2.)

Title of the extended essay: AS VISÕES DA MENINA ERRANTE - DE QUE FORMA É QUE NA OBRA LÍLIAS FRASER O PLANO NARRATIVO / HISTÓRICO SE ARTICULA COM O MARAVILHOSO? (autora: Nélia Correia)  
 CATEGORY I

**Candidate's declaration**

*This declaration must be signed by the candidate; otherwise a grade may not be issued.*

The extended essay I am submitting is my own work (apart from guidance allowed by the International Baccalaureate).

I have acknowledged each use of the words, graphics or ideas of another person, whether written, oral or visual.

I am aware that the word limit for all extended essays is 4000 words and that examiners are not required to read beyond this limit.

This is the final version of my extended essay.

Candidate's signature:

Date:

## Supervisor's report and declaration

The supervisor must complete this report, sign the declaration and then give the final version of the extended essay, with this cover attached, to the Diploma Programme coordinator.

Name of supervisor (CAPITAL letters)

Please comment, as appropriate, on the candidate's performance, the context in which the candidate undertook the research for the extended essay, any difficulties encountered and how these were overcome (see page 13 of the extended essay guide). The concluding interview (viva voce) may provide useful information. These comments can help the examiner award a level for criterion K (holistic judgment). Do not comment on any adverse personal circumstances that may have affected the candidate. If the amount of time spent with the candidate was zero, you must explain this, in particular how it was then possible to authenticate the essay as the candidate's own work. You may attach an additional sheet if there is insufficient space here.

According to her reading preferences, she chose to work on a Portuguese contemporary author; she was able to find ~~for~~ her topic, pursuing an extensive research process to understand the implications of the historical background that gives shape to the setting. She decided to articulate two distinct aspects - the historical and the symbolic - and she was able to maintain the focus of her argument in a balanced way. She worked with good sense of responsibility and was motivated by her findings, regarding the historical, cultural and human aspects of the work in study.

This declaration must be signed by the supervisor; otherwise a grade may not be issued.

I have read the final version of the extended essay that will be submitted to the examiner.

To the best of my knowledge, the extended essay is the authentic work of the candidate.

I spent  hours with the candidate discussing the progress of the extended essay.

Supervisor's signature:

Date:

**Assessment form (for examiner use only)**

Criteria	Achievement level					
	Examiner 1	maximum	Examiner 2	maximum	Examiner 3	
A research question	2	2		2		
B introduction	1	2		2		
C investigation	4	4		4		
D knowledge and understanding	4	4		4		
E reasoned argument	4	4		4		
F analysis and evaluation	3	4		4		
G use of subject language	4	4		4		
H conclusion	1	2		2		
I formal presentation	3	4		4		
J abstract	2	2		2		
K holistic judgment	3	4		4		
Total out of 36	31					

# As visões da menina errante

**International Baccalaureat**

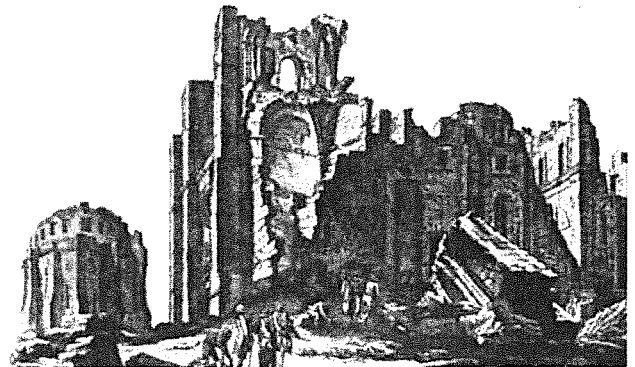
**Portuguese Language and Literature higher**

**Extended Essay**

Research Question: **De que forma é que na obra Lillias Fraser o plano narrativo/ histórico se articula com o plano maravilhoso?**



**Batalha de Culloden 1746**



**Terramoto de Lisboa 1755**

Candidate number:

May 2013

**Category I**

---

## **Abstract:**

A partir da leitura da obra Lillias Fraser de Hélia Correia, autora portuguesa contemporânea, decidi realizar o meu trabalho de pesquisa, intitulado «As visões da menina errante» respondendo à questão: De que forma é que na obra Lillias Fraser o plano narrativo/histórico se articula com o plano maravilhoso?

A curiosidade que me despertou a natureza sobrenatural da heroína e o interesse pela componente histórica que condiciona a narrativa foram os motivos da escolha deste romance.

Para tal, foi necessário fazer uma pesquisa sobre o contexto histórico evocado no romance. A fonte primária deste trabalho é a própria obra através da análise detalhada de excertos que nos conduzem na compreensão do elemento simbólico/maravilhoso.

A obra tem como contexto histórico-geográfico inicial a Escócia durante o período da batalha de Culloden (1746). É neste cenário que se inicia a trágica história da protagonista Lillias Fraser que mais tarde é forçada a refugiar-se em Portugal. Para além dos planos histórico/maravilhoso, os subtemas relevantes são: a condição de orfandade e a crise de pertença; a sobrevivência, a degradação dos valores e a educação;

Na primeira parte, abordo o contexto histórico/geográfico em que decorre a vida errante da personagem. Analiso em seguida as visões premonitórias da heroína e situações sobrenaturais, que se articulam com a narrativa de carácter histórico.

Concluo que a articulação que se verifica entre os dois planos se deve aos seguinte:

-os grandes acontecimentos históricos não são apenas o suporte da construção da narrativa. São a causa da vida errante da heroína e motores da acção. Sucedendo-se com a regularidade cronológica que nos permite seguir a vida da protagonista de criança a adulta, representam simbolicamente o desenvolvimento humano: no plano do maravilhoso, o sobrenatural é circunscrito apenas à heroína e aos acontecimentos com ela relacionados o que torna plausível a sua história.

**Word count: 300**

---

# Índice

<b>Abstract.....</b>	
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
1. Contextualização e estrutura da obra.....	2
2. Os três grandes acontecimentos do plano histórico.....	3-6
3. As visões de Lillias Fraser e o plano maravilhoso.....	6-12
<b>Conclusão.....</b>	<b>13</b>

---

«As visões da menina errante»

**De que forma é que na obra Lillias Fraser o plano narrativo/histórico se articula com o plano maravilhoso?**

**Introdução:**

*Lillias Fraser*<sup>1</sup>, de Hélia Correia<sup>2</sup> foi a minha escolha para este trabalho. É um romance invulgar que conta a história fantástica de uma menina escocesa, vidente de olhos amarelo dourado, perseguida toda a vida por ser descendente de uma família massacrada por razões políticas entre herdeiros ao trono da Grã-Bretanha no século XVIII. Esta menina, Lillias, acaba por ser trazida para Lisboa onde sobrevive ao Terramoto, na altura em que finalmente parecia ter encontrado um abrigo seguro. Para além do fascínio da história de uma personagem inesquecível, nesta narrativa encontramos uma combinação especial entre factos históricos, acontecimentos ficcionais possíveis e a existência de elementos do domínio do maravilhoso. Foi este aspecto do romance que pretendi investigar, dando maior atenção à veracidade dos factos históricos ao confirmando a existência dos acontecimentos ficcionais historicamente possíveis, para melhor entender a articulação entre os dois planos distintos e aparentemente opostos, que Hélia Correia põe em confronto na construção da narrativa: o real/factual e o irreal/sobrenatural. Formulei assim a minha pergunta:

**De que forma é que na obra Lillias Fraser o plano narrativo/histórico se articula com o plano maravilhoso?**

---

<sup>1</sup> Correia, Hélia, *Lillias Fraser*, Ed. Relógio d'Água Editores, Lisboa, 2ª Edição, Setembro 2002.

<sup>2</sup> Hélia Correia é uma escritora contemporânea Portuguesa nascida em 1949. É licenciada pela Faculdade de Letras de Lisboa em Filologia Românica. É professora do ensino secundário. As suas primeiras obras são de Poesia. É também dramaturga e romancista. Pelo romance *Lillias Fraser* publicado em 2001, recebeu o prémio do PEN Club.

## **1. Contextualização e estrutura da obra**

A época do século XVIII, que a autora escolhe como suporte para construir a narrativa, é rica em factos históricos relevantes na história de Portugal e da Grã-Bretanha. A batalha de Culloden em 1746 na Escócia, o Terramoto de Lisboa a 1 de Novembro de 1755 e a Guerra Fantástica (que se desenrola em Trás-os-Montes e nas Beiras entre 1762 e 1763) são os três acontecimentos que marcam o tempo cronológico em que decorre a acção do romance. São narrados sob a perspectiva da verdade histórica sem a frieza dos historiadores e valorizados com a descrição dos ambientes em que ocorrem. Não são esquecidas as causas da batalha e da guerra, acontecimentos provocados pelos homens. As suas consequências e as do Terramoto, fenómeno natural e imprevisível, são o motor da história de Lillias Fraser. Por sua vez e por razões diferentes, cada acontecimento desencadeia o processo de fuga da heroína do espaço em que se encontrava para um novo espaço. Estas fugas em estado de crise têm sempre como consequência rupturas dramáticas.

O que nos conta Hélia Correia é a história de uma menina errante. Por razões que a ultrapassam, a heroína é obrigada a mudar de país, a andar de casa em casa sem encontrar abrigo e protecção por muito tempo. As três partes do romance referem-se aos períodos de tempo decorridos entre estes três acontecimentos. E correspondem cronologicamente às diferentes idades da heroína.



## **2. Os três grandes acontecimentos do plano histórico**

Destes acontecimentos o que conhecemos bem é o Terramoto de Lisboa. Facto tão impressionante que ficou gravado para sempre na memória histórica. Nesta narrativa, os horrores do terramoto aparecem-nos através da história de Lillias. Tornam-se presentes como experiências de vida que, ao longo de vários episódios, nos dão conta do horror do fenómeno e da desgraça que se abateu sobre os que escaparam à morte. Hélia Correia cria imagens muito fortes em torno das personagens que vivem peripécias e dificuldades terríveis na fuga de Lisboa e mais tarde quando regressam a uma cidade em ruínas, do ponto de vista físico e moral:

*Lillias julgou-se em cima de um ser vivo, porque parecia haver um sentimento na forma como o chão se batia. Aquilo que dentro dele se revolia levava-o a rugir ferido de morte. [...] Dava por si sozinha e desvalida, uma pequena criatura mais, no meio das ervas e dos roedores. Ouvia os gritos da cidade ao longe.<sup>3</sup>*

*Mas, nas primeiras horas, toda a gente pensava apenas em ganhar distância e muito dolorosas decisões foram tomadas, quando se tratou de deixar para trás os moribundos. Não admira que a mulher piedosa que, por amor de três ou quatro filhos, abandonou um ferido no caminho, se tenha brevemente transformado numa assassina, para roubar comida.<sup>4</sup>*

A batalha de Culloden na Escócia em 1746 põe fim ao conflito que sempre tinha existido entre os reinos de Inglaterra e da Escócia, com povos de cultura e história diferente. Com o fim da dinastia Tudor, o herdeiro do trono inglês foi o rei da Escócia que inaugurou a dinastia dos Stuart em 1603. A partir de 1707, os reis e as duas rainhas Stuart passaram a usar o novo título de rei/rainha da Grã-Bretanha como passou a ser designado o estado após a união dos reinos de Inglaterra, Escócia e Irlanda. Apesar disso, os Stuart não tiveram reinados felizes. Lutas com o Parlamento, conflitos religiosos, guerra civil e o interregno de um governo republicano marcaram este período

---

<sup>3</sup> Correia, Hélia, *Lillias Fraser*, Ed. Relógio d'Água, 2ª edição, Lisboa, Setembro 2002. p. 100

<sup>4</sup> Idem p.110

da história britânica. Ditaram também a sorte dos Stuart. Charles I é executado; o seu filho Charles II exila-se com a proclamação da República; o irmão seu sucessor é deposto por ser católico e exila-se em França; e por fim Anne não deixa herdeiros. Com ela, acaba a dinastia Stuart em 1714, dando lugar à casa de Hanover. No entanto, os Stuart exilados não deixam de reclamar o trono. É um deles, já na terceira geração após o exílio, que desembarca na Escócia e junta um exército pequeno mas de soldados escoceses valentes, com que pretende reconquistar a coroa para o seu pai.

Ficou conhecido pelo nome de ‘Bonnie Prince Charlie’ o responsável pela aventura que acabou em Culloden, tratado com muita ironia no romance. Culloden foi a última batalha travada em solo britânico e também uma das mais violentas. À batalha seguiu-se um massacre indiscriminado e uma perseguição feroz às famílias dos chefes dos revoltosos.

*Os ingleses venceram em Culloden com competência e em meia hora. Sujaram-se para sempre nas seguintes. [...] ‘Sem piedade,’ disse Cumberland. ‘Sem piedade’, repetiram os seus homens. E o massacre começou ali.<sup>5</sup>*

Lillias pertence a uma destas famílias e é a única sobrevivente. Salva-se porque ‘algo de estranho’ a levou a fugir de casa poucas horas antes da batalha. A primeira fuga começa nas primeiras linhas do romance da história de Lillias. Com cerca de cinco anos não poderia imaginar que ia fugir toda a vida por ter o apelido de um dos heróis de Culloden. A autora dedica muitas páginas a este acontecimento, narrado com muitos pormenores históricos e realismo que não escondem o seu sentimento ao escrevê-las. Como diz :

*Primeiro foi a minha viagem a Culloden [...] Foi um passeio de lazer [...] de busca de raízes, porque tenho sangue escocês.<sup>6</sup>*

E acrescenta:

*Aliás, esta guerra é toda ela um terreno propício à literatura. Ainda hoje as crianças escocesas aprendem as baladas de Culloden [...] <sup>7</sup>*

---

<sup>5</sup> *Idem p.23*

<sup>6</sup> Silva, Marisa Torres da, *Entrevista a Hélia Correia, Ed.Mil Folhas,2005 jornal o Público in <http://static.clix.pt> consulta Agosto 2012*

<sup>7</sup> *Idem p.16*

A Guerra Fantástica é um acontecimento pouco conhecido dos portugueses, talvez porque não chegou à capital. Atingiu sobretudo as populações de vários lugares do Norte que se bateram corajosamente contra os invasores, substituindo um exército desorganizado. É um conflito que se arrasta de ‘fantástica maneira’ por um ano sem grandes batalhas e com poucos mortos. Esta guerra é um episódio decorrente da Guerra dos Sete Anos que envolveu muitos países europeus, mas ficou sobretudo marcada pela rivalidade franco-britânica. Franceses e Ingleses que lutavam pela supremacia dos mares e domínio das colónias na América e na Ásia acabaram por se encontrar frente a frente nos terrenos montanhosos de Portugal. Disputavam o acesso aos portos. Aliadas por um ‘Pacto de Família’ que o rei português não aceitou, a França e a Espanha invadiram Portugal. O apoio da Inglaterra evitou a humilhação de uma derrota. Inicialmente, perante um exército a que ‘faltava mais ou menos tudo’, os invasores não tiveram dificuldade em tomar cidades e vilas. Em Julho de 1762, já com a presença de militares ingleses no terreno, os invasores cercam a praça de Almeida:

*A principal do Norte de Portugal e a única que dispunha de efectivos de defesa em número apreciável.*<sup>8</sup>

É a Almeida que chega Lillias antes do cerco começar. Vem trazida por Cilícia que procura o filho Jayme, o único homem por quem a rapariga se apaixonou. Aqui encontra dois escoceses integrados no exército inglês. São personagens reais e ambos foram militares. Lillias redescobre a sua língua materna, volta a cantar e a dançar ao som da música da sua infância, aceita a segurança e o conforto partilhando o tecto e a cama com o coronel Francis Maclean. Acaba por revelar o seu nome verdadeiro. O outro escocês com quem se cruza é Lord Loudon, que foi de facto comandante-chefe para as Beiras durante esta guerra. No romance, quando descobre a verdadeira identidade de Lillias, é a memória dessa batalha e a raiva que guardava a um Fraser que desencadeiam a sua fúria. Lillias é expulsa e mais uma vez em fuga.

Este é um dos acontecimentos ficcionais possíveis no enredo do romance. Os outros são: a presença breve do Marquês de Pombal no seu gabinete; o encontro ocasional de Lillias com o padre Gabriel Malagrida; as ideias revolucionárias de Jayme que tinha estudado na Holanda e tinha conhecido Voltaire em Paris; a estadia de Lillias num

---

<sup>8</sup> Monteiro, Nuno Gonçalo, *D. José, Reis de Portugal*, Ed. Circulo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 1ª Edição, Rio de Mouro 2006

convento em Lisboa pertencente a uma ordem de freiras católicas escocesas fugidas ao protestantismo.

Apesar do peso do histórico ou do que é ficcional mas verosímil no romance, o que o distingue é a natureza misteriosa da sua heroína e os indícios da intervenção do sobrenatural em situações relacionadas com ela.

### **3. As visões de Lillias Fraser e o plano maravilhoso**

Lillias nasce numa aldeia de Inverness, região da Escócia onde se travou a batalha de Culloden. A Escócia é uma terra de brumas, mistério, castelos assombrados indicados nos guias turísticos, lagos habitados por monstros como Loch Ness que ainda hoje é notícia, espaços lendários por onde vagueiam fantasmas como em Culloden. No segundo capítulo do romance, a própria autora afirma que viu estes fantasmas, quando em 1999 visitou o campo onde se travou a batalha.

*Eu bem os vi, no dia em que lá fui. [...] Vi aquele bando de jovens montanheses. [...] Caminhavam em direcção ao sítio de batalha [...] Vinham trajados rigorosamente, com aqueles mantos coloridos que também acharam fim com a derrota de Culloden.<sup>9</sup>*

A confissão desta estranha visão de seres, que supostamente habitam num outro mundo a que a maioria dos mortais não tem acesso, é um desafio aos leitores. A autora/narradora está dentro do romance como testemunha de um fenómeno tão extraordinário como os que vamos encontrar ao longo da ficção. É como se nos perguntasse: se o que vos digo é produto da minha experiência, não poderão aceitar a existência de fenómenos que não têm explicação racional?

Hélia Correia abre-nos as portas desse mundo do 'maravilhoso' com as suas palavras. Mas antes já tínhamos ficado surpreendidos com as primeiras linhas do romance.

---

<sup>9</sup> Idem p. 17

*Lillias salvou-se da carnificina porque, seis horas antes da batalha, viu o pai morto, como realmente ele haveria de morrer mais tarde.*<sup>10</sup>

Perante aquela visão, Lillias assusta-se e foge de casa passando por entre as pernas do pai que tapava todo o espaço da porta. Não foge da imagem horrível do pai esventrado. Foge com medo que o pai se zangue com ela por lhe ter desobedecido. Não se trata de um pesadelo porque Lillias está acordada. Lillias ‘viu’, não sonhou.

Para não nos deixar na dúvida sobre a estranheza do que se passou com esta criança tão pequena, a autora avisa-nos imediatamente que este fenómeno se repetirá:

*Acabaria por acostumar-se e quando, anos depois em Portugal, viu abater-se uma cidade inteira, levantou-se em silêncio do enxergão, fechou a trouxa e foi dormir para o jardim sem avisar ninguém daquilo que iria passar-se mais à frente, de manhã.*<sup>11</sup>

Portanto, Lillias é diferente da maioria das pessoas. Possui algo raro e excepcional. São poucas as pessoas que convivem com ela a aperceber-se desse dom. Uma delas é Mary Martin, sobrinha e irmã das duas mulheres que foram pagas para trazer Lillias para Lisboa e lhe arranjam um lugar seguro onde ficar.

*A terceira visão, pensava, ouvindo as vozes das mulheres da sua infância [...] A terceira visão mostrava a morte ou, pelo menos, o sangue e o sofrimento. Desvendava o futuro, ainda que nada se pudesse fazer para o evitar. [...] – Não gosto dela- disse Mary Martin.*<sup>12</sup>

Também o padre Gabriel Malagrida, a quem na época se atribuíram dotes de vidente, reconhece em Lillias esse poder. Cruzam-se no Rossio quando Lisboa já estava em reconstrução.

---

<sup>10</sup> Idem p.7

<sup>11</sup> Idem p.8

<sup>12</sup> Idem p. 83

*Lillias gritou e o padre olhou para ela. Olhava como um vivo, ainda que a língua lhe saísse inchada, sob o aperto do garrote. [...] Então falou. [...] ‘Que vês que tanto temas, rapariga?’ perguntou para Lillias*<sup>13</sup>

Cilícia, com quem a rapariga vivia em Lisboa como serviçal depois do regresso de ambas de Mafra, interpretou à sua maneira o que tinha sucedido no Rossio. Achou que ela possuía artes de bruxa e não hesitou em fazer-lhe uma encomenda.

*- Tu tens visões. Não cuides que me enganas. [...] – Eu preciso que vejas o meu filho. Lillias olhou-a sem compreender. [...] A rapariga ergueu-se e recuou, certa de que ela havia enlouquecido.*<sup>14</sup>

Na sua curta vida de mulher jovem, já tinha visto como seria a morte de muita gente. Mesmo fetos que se desfaziam na barriga das mães antes de abortarem. Como aconteceu com Anne MacIntosh que a protegeu no castelo de Moy Hall, quando fugiu de casa. Quase morreu no convento para onde Mary a mandara, quando percebeu que ia perder a madre Theresa, que tanto amava, roída por um ‘animal que lhe escavava o seio esquerdo’.

Lillias não desejava aquele poder que lhe parecia uma maldição. Embora tivesse aprendido a desviar o olhar, não conseguia evitar o que lhe acontecia inesperadamente.

*E os seus olhos amarelos, que sofriam vendo os passantes no momento de morrerem, assustavam por uma compaixão que parecia despropositada, ao dirigir-se a gente ainda feliz. Os futuros defuntos comentavam com os vizinhos essa ferida misteriosa que se abria, ao cruzarem-se com Lillias*<sup>15</sup>.

Os olhos amarelos de Lillias, o cabelo louro e a luz dourada ou azulada que saía do seu corpo são tudo o que sabemos do seu retrato físico. São características raramente vistas e que não podiam deixar de causar espanto ou perturbação. Foi Eva MacIntosh a primeira a reparar na cor dos olhos da criança que a nora lhe trouxera para casa:

---

<sup>13</sup> Idem p.162

<sup>14</sup> Idem p.164

<sup>15</sup> Idem p.193

*Tem os olhos doirados [...] Sinal de que houve bruxas na família.  
Quem era a tua mãe? <sup>16</sup>*

Muito mais tarde, depois de a expulsar de Almeida, Francis Maclean tenta arranjar uma desculpa para a relação que mantivera com Lillias. Tinha sido seduzido:

“Olhava, realmente, para nós como olhavam as bruxas escocesas.”

Os homens portugueses não parecem ligar a cor dos olhos de Lillias às bruxas. Mas têm medo deles. No convento de Mafra, onde se tinha refugiado com Cilícia depois de dias de caminhada na fuga de Lisboa, os homens ‘nunca mais a tocaram sob a saia’ e Lillias só é violada quando resolve fechá-los:

*Quando fechou os olhos, a distância a que obrigava os homens anulou-se. De tudo o que eles fizeram nessa noite, só lhe interessava perceber que a não matavam.<sup>17</sup>*

Nos contos infantis, a cor da luz que se desprende de Lillias é geralmente associada às fadas e não às bruxas. A heroína do romance não é nem uma coisa, nem outra. É uma rapariga como as outras com os mesmos instintos e sentimentos. Não perde o instinto da sobrevivência, fecha-se em si e esconde-se quando é maltratada, mas gosta de conviver em ambientes onde se sente bem acolhida como no convento das freiras ou com os escoceses em Almeida. Chegou a ser feliz quando a sua paixão por Jayme parecia ser correspondida. Não tem dotes de magia, mas por vezes a sua luz torna-se mágica.

Na casa de Mary detestava um dos filhos que via morrer e como era mal alimentada aprendeu a roubar. A sua luz acendia-se e apagava-se:

*Porém dado que Mary a ignorava, todos, a começar pelos seus filhos, se habituaram a olhar através dela, como de uma cortina à transparência. Alguma coisa de ouro resplandecia e se apagava para abrir passagem<sup>18</sup>.*

Quando passou a ser visitada por Jayme no enxergão em que dormia, a sua luz incendiou-se.

---

<sup>16</sup> Idem p.43

<sup>17</sup> Idem p.125

<sup>18</sup> Idem p.84

*Mas, em lugar de se esconder e ficar pálida, a rapariga refulgia de maneira que o fogo se pegava às suas saias, como se ela emanasse um combustível*<sup>19</sup>.

Esta luz parece ser o sinal do escudo invisível e sobrenatural que a protege. Quando fugiu do terramoto e andava sozinha, perdida no meio do campo, Lillias foi cercada por animais que nunca tinha visto.

*Eram os lobos. [...] A rapariga emanava uma baça claridade que bastou para mantê-los à distância. Mas ela quase desmaiava e a caminhada findou ali.*<sup>20</sup>

Mas o episódio mais extraordinário em que esta protecção sobrenatural se manifesta é quando ela, “*tão pequena e azulada*” foge de casa e se salva do massacre de Culloden. A correr vai-se afastando cada vez mais, sem saber onde está e para onde vai. “*Esta nossa menina, Lillias Fraser, começa aqui a sua dança do pavor*”. A primeira vez que é salva nesta fuga é quando cai num declive e é empurrada por um estranho movimento ondulante do terreno que pára no momento em que, por acaso, vai a passar uma mulher que a agarra. Leva-a para casa e esconde-a da fúria dos soldados que não a encontram, mas matam a sua salvadora. Em seguida, é a própria mãe que depois de morta a vem proteger.

*Margaret Fraser [...] Vai guiá-la para que se afaste ainda mais dali. Será esse o seu último trabalho, levá-la para Moy e confiá-la ao cuidado de Lady MacIntosh.*<sup>21</sup>

Também com o Terramoto se passa o que não é habitual com a ‘terceira visão’ de Lillias. Até ali só tinha visto como iam morrer algumas das pessoas com quem se encontrava. Desta vez, vê o que nunca tinha visto: a morte antecipada do edifício do convento.

*Pelos finais de Outubro, Lillias via a construção da casa a desfazer-se. Era a primeira vez que adivinhava o desastre nas pedras, nas paredes.*<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Idem p.197

<sup>20</sup> Idem p.98

<sup>21</sup> Idem p.30

<sup>22</sup> Idem p.93



Embora soubesse que “algo terrível ia acontecer”, também sabia que não valeria a pena avisar alguém, porque ninguém acreditaria nela. Aceitou a visão como um aviso pessoal e, na noite anterior ao terramoto, fugiu do convento onde tinha sido feliz até à morte da madre Theresa.

Lillias é introvertida e submissa. A introversão de Lillias deve-se ao facto de desde criança ter sido obrigada a esconder a sua origem escocesa e a sua verdadeira identidade. Mudaram-lhe o nome várias vezes, mas nunca se esqueceu dele. Sabe que se falar, pode revelar o que não deve. Tornou-se desconfiada, e por isso aprendeu a esconder-se e a mentir. *“Lillias passara aqueles anos de Edimburgo escondida dentro do seu próprio corpo.”* (LF64)

Aceita sem se lamentar todas as situações que a vida lhe apresenta por instinto de sobrevivência. Como os outros animais, todos os seres humanos o têm, mas Lillias nunca o perde. Manteve a tal ponto este instinto que não ultrapassou alguns comportamentos que por vezes a tornavam semelhante a um animal acossado. Já jovem adulta na casa de Cilícia, a criada Ana tem dela a seguinte impressão:

*O facto de a menina não querer mudar-se para um quarto [...] Pareceu-lhe que ela, à noite, regressava a uma natureza de animal que precisava de enroscar-se, usando o solo.*<sup>23</sup>

O que Lillias tinha era a necessidade de encontrar uma mãe que substituísse a que tinha perdido. Procurou-a mal a perdeu. Julgou encontrá-la em várias mulheres que passaram pela sua vida. A primeira foi Anne MacIntosh que a protegeu nos primeiros tempos, a levou com ela quando foi obrigada a abandonar o seu castelo, mas depois a esqueceu quando engravidou. Aos quinze anos, no convento, encontra a madre Theresa, uma mulher alegre e afectiva com quem Lillias teve uma relação de amor filial, embora nunca lhe tivesse contado a sua verdadeira história. Com ela tem finalmente uma educação mais formal. No convento é feliz e gosta de aprender. Por fim, Lillias encontra Cilícia, que está a morrer, no caminho da fuga de Lisboa. Lillias salva-a da morte, junta-se a ela e só se separam quando a protagonista parte sozinha de Almeida, deixando-a no bordel.

No desfecho da intriga, Lillias é já uma mulher e está grávida, embora ainda não o saiba. Chegada, por sorte a Lisboa, Lillias encontra-se com outra mulher que a socorre e

---

<sup>23</sup> Idem p.156

a protege. É Blimunda que “*atravessara o tempo e convencera-o a separar-se dela para sempre.*” (LF279), uma última figura materna, ou talvez uma irmã mais velha com quem partilha o mistério do sobrenatural.

No plano do maravilhoso, este encontro com a personagem extraordinária que Saramago imortalizou em *Memorial do Convento*, é inesperado e surpreendente. A própria Lillias ‘receava tê-la inventado’ num sonho de delírio. Iniciará a última fuga, levada por Blimunda que queria tirá-la de Lisboa.

Para longe de tudo. Essa criança há de nascer na terra de ninguém, num espaço entre fronteiras [...] <sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Idem p.281

## **Conclusão:**

Definidas com rigor, as categorias de espaço e tempo são o suporte sólido sobre o qual a autora constrói a narrativa sobre a história da vida de Lillias Fraser. Os três acontecimentos factuais da História da Grã-Bretanha e de Portugal marcam não só o tempo histórico cronológico em que decorre a ação como têm a função de a fazer progredir. A batalha de Culloden, o Terramoto de Lisboa e A Guerra Fantástica são a causa da vida errante de Lillias. Sucedendo-se no tempo real com intervalos que permitem avaliar a idade da heroína, (cinco anos em Culloden e quinze quando chega ao convento), representam simbolicamente as três fases do desenvolvimento humano: a criança, a formação da jovem e a adulta.

Podemos concluir que a articulação verificada entre os dois planos é tão bem conseguida que a história da vida de Lillias se torna plausível. Ao colocar Blimunda neste romance, forçando a intertextualidade, a autora está a dar outra dimensão à sua obra, tentando aproximar a protagonista Lillias da protagonista do *Memorial do Convento*, e colocando o seu romance na mesma categoria do romance histórico de Saramago embora o leitor reconheça que Lillias não tem a mesma dimensão de Blimunda porque as ações da heroína não interferem nem alteram o curso histórico dos acontecimentos. Do ponto de vista dos sentimentos e do comportamento, a heroína tem as mesmas reações que qualquer rapariga da sua idade teria, em iguais situações de vida. Como aprendeu a lidar com as suas visões premonitórias sabendo que não vale a pena partilhá-las, consegue viver com o segredo desse dom no meio das outras pessoas e nunca se serve dele para alterar a ordem natural das coisas.

Também, considerando e comparando os dois romances, verifico que a autora investiu no pormenor descritivo, dando mais ênfase ao plano do maravilhoso, sem no entanto comprometer a verosimilhança da intriga.

**Word count: 3977**

## **Bibliografia:**

- Correia, Hélia, *Lillias Fraser*, Ed. Relógio d'Água, 2ª edição, Lisboa, Setembro 2002.
- Kathryn B'shop-Sanchez, *Nos Interstícios da ficção*, Lillias Fraser e a re-invenção de história, Actas do Colóquio Internacional, Literatura e História, Porto, 2004 vol I, pp. 59-62 , in <http://www.lettras.up.pt> – consulta em 3/08/2012.
- Moisés, Massaud, *Dicionário de Termos Literários*, 12ª edição, Editora Cultrix, São Paulo , 2004.
- Monteiro, Nuno Gonçalo, *D José*, Ed. Círculo de Leitores e Centro de Estudos de Povos e Culturas de Exposição Portuguesa, 1ª edição, Rio de Mouro, 2006.
- Silva, Marisa Torres da, *Entrevista a Hélia Correia*, Ed. Colecção Mil Folhas 2 – [www.publico.pt](http://www.publico.pt) in <http://static.publico.clix.pt/docs> - consulta a 15/08/2012

## **Sitografia:**

- [www.arquet.pt/pontal/teoria/inglaterra](http://www.arquet.pt/pontal/teoria/inglaterra) O pontal da História
- [www.iscte-inl.pt/historiamodernaecomtemporanea](http://www.iscte-inl.pt/historiamodernaecomtemporanea)- História moderna e contemporânea
- [www.historyofengland.net](http://www.historyofengland.net)